NOVELLAE OLIVARUM



ANO VIII / OUTUBRO 1950 / NÚMERO 78

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO ALVES
Redactor — MANUEL LUÍS
Proprietário e Editor — RUY CORRÊA LEAL
Administrador — MÁRIO RAFAEL MARTINS DA CUNHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 20$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

Vivere cum Ecclesia — Director 145

Novas perspectivas para a Catequese em Portugal — Manuel Franco Falcão 147

Congresso Litúrgico de Versailles — João Perestrello 153

Ecos da Vida Litúrgica:

Orientar, sim; desviar, não! — M. L. 156

Uma iniciativa 157

Acerca da Educação da Criança — C. Galamba 158

Cânticos da Vida Cristã — 1.º: Ofertório — P.e J. M. Serrazina ... 165

Crónica de hoje 166

Bibliografia 168

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

CARVÃO

SEGUROS

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA



FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.°
LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar ——— Peçam catálogos indicando o género de livros

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PÔRTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

SACOR

A SACOR *é uma indústria nacional.*

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

VIVERE CUM ECCLESIA

Quem lança um olhar sobre o mundo de hoje colhe logo esta impressão: por quase toda a parte a humanidade esbraceja, implorando um *salvador*. Não sabe donde virá. Ergue apenas aflitivamente os braços. Mais uma vez a humanidade pede aos céus que lhe «*chovam um salvador*».

Mas do céu desceu já o Salvador e na terra tem ela a salvação. Cristo é o único que salva. A Santa Igreja é na terra Cristo-Salvador.

Porque nunca os conheceu ou, então, porque um trabalho descristianizador lhos roubou, continua de mãos erguidas pedindo do alto a salvação.

A humanidade hoje clama, sem o saber, por Cristo e pela Sua Igreja!

E é tal a angústia desta súplica que nenhum cristão ao ouvi-la deixará de procurar satisfazê-la; poucos são, porém os que nela advertem!...

Quando, afinal, cada cristão devia ser *solícito* em guiar à salvação os seus irmãos transviados!...

Mas a vocação cristã, para muitos, perdeu já o seu dinamismo comunicativo e tornou-se uma das muitas realidades *mortas*.

E porque os verdadeiros cristãos escasseiam, cresce a descristianização. Tanto mais ameaça aumentar quanto menos forem os vivos testemunhos do Cristianismo genuino.

Porque só uma vida cristã integral guiará a Jesus Cristo e à Sua Igreja os homens afastados. Só com um Cristianismo perfeito as multidões voltarão a olhar com simpatia para Cristo e a Sua Igreja, desacreditados — por vezes — por um meio cristianismo.

O mundo de hoje ouve tudo, mas crê apenas na palavra incarnada — feita vida.

Deixa-se guiar por quem *disser e fizer*, tão desiludido anda com promessas sedutoras, mas estéreis. Dizer-lhe quem é Cristo, que é a Santa Igreja — dizer-lhe que nEle está a salvação (que procura) não basta, é preciso demonstrar-lho *na vida e com a vida*, isto é, mostrar-lhe na nossa

carne o que é ser membro da Santa Igreja, o que é o «homem novo» — o «homem resgatado». Numa palavra — *é preciso viver o Evangelho todo.*

Quando estes realizadores da mensagem cristã forem *multidão* — mais precisos que os apalogetas — os homens voltarão à Santa Igreja e por Ela a Deus.

Mas para cada cristão ser assim testemunho vivo de Cristo e da Santa Igreja é preciso *viver a Sua Vida.* Foi sempre nota distintiva das testemunhas do Cristianismo *viverem a vida da Santa Igreja e com a Igreja.*

Trabalhar, portanto, pelo aumento do número dos que vivam com Ela é trabalhar por que haja mais testemunhos vivos de um autêntico Cristianismo. Trabalhar assim será contribuir para uma maior aproximação dos homens da salvação que está na Igreja. E, finalmente, trabalha-se por satisfazer às súplicas da humanidade aflita.

«Novellae Olivarum» desde o seu início tem procurado isto mesmo — dar a conhecer a Vida da Igreja — torná-la mais amada, para ser mais vivida.

Neste trabalho empenhou até agora todas as suas energias, e hoje aqui está a dizer da sua disposição de continuar a servir esta causa. Por ela *trabalhará dedicadamente,* pondo de parte as vozes de fé esmorecida que tentam dissuadi-la da eficácia do seu trabalho.

Dos bons frutos dele está certa, uma vez que pronta e generosamente o faça de olhos em Deus. Reconhece sempre, porém, ser modesto o seu contributo para tão grande obra! Oferecê-lo-à até que lhe seja dado um lugar para *Servir.*

Mais um ano começou!...

«Novellae Olivarum» vai gastá-lo ao serviço da Vida da Igreja. Oxalá seja, ao terminá-lo, *mais conhecida, mais amada* e *mais vivida* para que haja mais *luz* no mundo e os homens *voltem* atraídos por ela à Santa Igreja e por Ela a Deus.

O DIRECTOR

Novas perspectivas para a Catequese em Portugal

Ao observador atento da vida religiosa no nosso País não terá passado despercebido o interesse crescente que estão a despertar entre o clero e fiéis de todas as Dioceses os problemas da Catequese infantil. Os congressos realizados ùltimamente de Norte a Sul de Portugal provam-no claramente. São eles expressão, ao mesmo tempo que causa impulsiva, dum movimento de opinião bem significativo.

Graças a Deus! Números revelados recentemente mostram quão urgente se torna dar nova vida à Obra das Catequeses. Na Diocese de Évora, por exemplo, apenas 1/5 das crianças frequenta a Catequese; na de Beja a proporção baixa para 1/8 e no nosso Patriarcado mais de 75% das crianças crescem sem receberem as luzes da doutrina cristã, ficando para sempre numa dolorosa ignorância religiosa.

Todos os esforços são poucos para obviar a esta tremenda falha. A ignorância religiosa é de facto uma das mais tristes características do cristianismo do nosso povo. Não admira, por isso, que Sua Santidade Pio XI, na «Carta magna da Acção Católica Portuguesa» dirigida a Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca em 10 de Novembro de 1933, apontasse como «múnus principal a desempenhar pela A. C. nessa nobilíssima Nação... o ensino da doutrina cristã...».

De acordo com esta directiva, o Regulamento da Acção Católica Portuguesa incluíu o ensino da Catequese entre as primeiras actividades dos seus membros (art. 12.º) e, para tornar mais eficiente esta disposição, o Venerando Episcopado português aprovou recentemente a criação do Secretariado Nacional da Catequese dependente imediatamente da Junta Central da Acção Católica Portuguesa.

Não é de estranhar que o organismo coordenador das actividades catequéticas fosse posto na dependência da A. C. Com efeito, são íntimas as relações que devem existir entre Catequese e A. C., merecendo a pena considerá-las brevemente.

Em primeiro lugar, a A. C. pode e deve fornecer à Catequese catequistas convenientemente preparados para a sua missão e em número suficiente. Se atendermos a que as necessidades dos tempos modernos exigem dos cristãos uma sólida formação religiosa, intelectual, moral e social, bem compreenderemos como deve ser grande a responsabilidade e competência dos catequistas que terão de dar às crianças essa formação. A missão da Catequese não pode limitar-se ao ensino de fórmulas nem sequer à iniciação das crianças nas práticas religiosas. Deve, além disso, tender a fazer das crianças cristãos integrais, verdadeiros apóstolos de Cristo ou, em linguagem actual, intrépidos militantes da A. C.

De facto a Catequese deve ser — tal como Pio XI gostava de se exprimir — «a primeira Escola da Acção Católica». Não se pode limitar ao papel complementar, que outrora tinha, de ensino e sistematização de verdades religiosas a crianças que recebiam desde tenra idade, no seio da família, a sua iniciação cristã e tinham a acompanhá-las, ao longo da vida, um clima ambiencial favorável ao exercício das práticas religiosas e ao desenvolvimento da sua mentalidade em moldes cristãos. Hoje, dada a descristianização quase geral da família e das instituições e meios sociais, exige-se da Catequese uma função suplementar. É a Catequese que, em grande número de casos, tem de fazer a iniciação das crianças na prática da vida cristã e além disso, sob pena de ver baldados os seus esforços, tem de as armar contra a acção deletéria em que vivem — influência da escola, da rua, das diversões e até, por vezes da própria família. Só o conseguirá formando-as nas virtudes próprias do militante da Acção Católica: Fé esclarecida e prática à luz da qual sejam capazes de criticar o que as cerca, vontade forte que as leve a reagir victoriosamente sobre o meio, um sentido profundo de colaboração, uma Caridade activa e apostólica.

Ora esta obra de formação integral da criança exige, além de competência pedagógica, um conhecimento perfeito dos meios sociais e uma experiência grande do apostolado no próprio meio. Melhor que ninguém, a Acção Católica está em condições de fornecer à Catequese, de entre os seus melhores membros activos, os Catequistas de que os nossos tempos precisam.

Mas, por excelente que seja a formação que a Catequese dê às crianças, nunca pode livrá-las da influência tremenda do meio. A criança, mais que o adulto, é uma vítima da ambiência que a cerca. Se os meios e instituições em que se move estão corrompidos, difìcilmente poderá adquirir uma mentalidade sã. Portanto, para que a Catequese não veja esterilizados os seus esforços, é preciso actuar simultâneamente no sentido de purificar a ambiência social e torná-la cristã. Ora esta é, precisamente a tarefa da Acção Católica, e é ela tão urgente e importante que não devemos recear dizer que os Párocos, sobretudo nas terras mais rescristianizadas, lhe devem dedicar maior atenção que ao próprio ensino catequístico.

A Catequese é, cada vez menos, uma actividade autónoma da Paróquia, para ser uma das actividades integrantes de toda a vida apostólica paroquial. Isolá-la, é esterilizá-la e a experiência prova que onde o Pároco centra ùnicamente na Catequese a sua actividade apostólica, haverá muitas crianças na Igreja, mas, sobre tudo nos meios descristianizados, adultos, poucos se verão e continuarão a ver.

À luz destes princípios se compreenderá melhor o alcance da decisão do Episcopado de criar o Secretariado Nacional da Catequese imediatamente dependente da Junta Central da Acção Católica.

Queira Deus se esclareçam cada vez mais as consciências do clero e laicado portugueses no que respeita às relações íntimas que devem existir entre Catequese, Paróquia e Acção Católica. Disso também depende em grande parte a recristianização da nossa terra.

* * *

No sentido de preparar a organização do Secretariado Nacional da Catequese e estudar a solução de alguns dos mais importantes e urgentes problemas catequísticos, a Junta Central da A. C. promoveu a 1.ª Semana de Estudos Catequísticos que se realizou em Coimbra de 24 a 29 de Julho com colaboração de 56 Sacerdotes de todas as Dioceses.

A importância desta Semana pode avaliar-se pelo programa de estudos, pelo interesse e competência dos semanistas, pelas conclusões e votos formulados, já vindos a público, e, esperamo-lo bem, pelas realizações práticas que hão-de seguir-se.

A tarefa que à «Semana» se propunha, — «rever o problema da Catequese, acertando a mentalidade em face das necessidades da hora actual,

preparar soluções de carácter permanente e dar um impulso para a criação do Secretariado Nacional... — era sobremaneira vasto. No entanto isso não prejudicou a seriedade e profundidade dos trabalhos que desceram à análise cuidadosa dos aspectos técnicos de psicologia infantil, pedagogia religiosa, metodologia aplicada e propaganda que estão na base dum trabalho construtivo nesta matéria.

Este estudo tornava-se indispensável, em particular, quando se tinha em mente a elaboração do Catecismo único para as Dioceses de Portugal — aspiração do Episcopado já consignada no Concílio Plenário Português (n.º 393) e necessidade premente sentida por quantos se dedicam ao ensino da Catequese.

A importância e responsabilidade desta tarefa levou os semanistas a proporem ao Venerando Episcopado a criação duma Comissão Nacional do Catecismo em relação directa com o Secretariado Nacional da Catequese. A essa Comissão caberá, dum modo geral o estudo e orientação de todo o ensino catequístico que, de acordo com as conclusões tiradas durante os trabalhos, deve assentar na base evangélica e litúrgica, convenientemente adaptado às exigências psicológicas e pedagógicas do nosso meio.

Retoma-se assim a sábia e tradicional pedagogia da Igreja que através dos séculos centrou todo o ensino da Religião na Pessoa e Vida do Nosso Divino Mestre e orientou os fiéis para uma participação cada vez mais consciente na sua própria Vida litúrgica. Como no centro da Vida litúrgica se encontra o Santo Sacrifício da Missa, a assembleia propõe que se estabeleça, na medida do possível, a Missa da Catequese, encomendando à Comissão do Catecismo o estudo do modo de a tornar instrutiva e eficiente.

Uma das grandes necessidades, talvez a maior, com que a Catequese luta em Portugal é a falta de catequistas competentes. Essa falta deve atribuir-se em grande parte à carência de cursos de formação catequística tanto para sacerdotes como para leigos. A assembleia de Coimbra propõe que se multipliquem esses cursos e, indo ao fundo da questão, propõe que, na medida das possibilidades de cada Diocese, se enviem a especializar no assunto alguns sacerdotes para os Seminários Maiores e Magistério Primário. De facto, em Portugal são raros os sacerdotes com curso de Pedagogia especializada e, embora o estudo pessoal possa suprir em grande parte a falta dum curso, no entanto renderá muito mais o trabalho de um que dedique toda a sua actividade e competência à catequese do que o de muitos que têm de repartir por outros trabalhos a sua actividade.

Mereceu especial atenção aos semanistas a necessidade da preparação séria das crianças para os actos que culminam as «etapes» principais da vida da Catequese — Primeira Comunhão, Profissão de Fé, Perseverança — propondo que se coroem com Festas depuradas dos elementos deformantes que se têm introduzido com o decorrer dos tempos, e pondo em evidência o seu verdadeiro sentido para edificação das crianças e do povo cristão.

Merece particular aplauso o voto de que sejam estabelecidas em todo o País as Catequeses de Perseverança, orientando-se no sentido do apostolado cristão. De facto vemos que, regra geral, as crianças deixam de frequentar a Catequese numa época crítica da sua evolução e da sua vida. Fazem-no em geral nas vésperas da puberdade ficando sem resposta cristã os mais graves problemas que afligirão a sua juventude, os problemas do sexo, do amor, do trabalho... Além disso é nesta altura que começa para elas nova fase da sua vida acompanhada duma série de perturbações morais e sociais que podem destruir em poucas semanas o trabalho de dois ou três anos de Catequese. Trata-se da sua passagem à Escola secundária, nuns casos, ou da sua entrada brutal para campo do trabalho, noutros. São novos meios em que são lançadas, sem experiência e sem amparo, são novos problemas que se lhes deparam e a que não sabem dar outras soluções senão as soluções *já feitas* que o meio lhes impõe. E a criança, desorientada, vê-se ràpidamente absorvida pelo meio, o grande tirano de toda a sua vida intelectual, moral, religiosa e social. Cabem agora aqui as considerações feitas a princípio. Vistas bem as realidades, aparece-nos a Catequese de Perseverança com uma importância não menor que as outras.

Relacionada com esta questão, põe-se actualmente a do enquadramento das crianças nos sectores pré-juvenis da Acção Católica. Os trabalhos com estes organismos, entre nós, pouco passaram da fase das primeiras experiências, não sendo portanto de estranhar não encontrarmos, entre as conclusões, referências ao problema, muito embora ele não tivesse sido esquecido no programa de estudos da Semana.

A necessidade de regular e uniformizar o recrutamento das crianças para a Catequese é objecto de outra conclusão, bem como a urgência que há em dar nova vida à Associação da Doutrina Cristã.

Finalmente, a Assembleia de Coimbra formula três votos relativos ao ensino da Religião e Moral nas Escolas Primárias pedindo que sejam revistos os programas e horários das aulas e, nas Escolas do Magistério Primário, se dê mais tempo à formação católica dos futuros professores

e se elabore um programa de pedagogia catequística para melhor garantir a sua conveniente preparação.

Praza a Deus que todas estas conclusões e votos, aqui brevemente apontados e comentados, possam encontrar a sua realização prática num futuro próximo. É lícito esperá-lo, dado o movimento de interesse e boa vontade suscitado em torno do problema da Catequese. Se assim for, estamos no início duma nova época da história da Catequese em Portugal.

M. F. Falcão

DIAS CATEQUÍSTICOS NO SEMINÁRIO DOS OLIVAIS

De 9 a 11 de Janeiro

- Metodologia do ensino dos 6 aos 12 anos.
- Formação na Catequese e à volta da Catequese.
- Organização paroquial da Catequese.

São convidados a tomar parte neste estudo todos os Rev.mos Sacerdotes.

O MOVIMENTO LITÚRGICO NO MUNDO

CONGRESSO DE VERSAILLES

Mais uma vez se reuniram em Versailles perto de duas centenas de Padres, seminaristas e leigos, que durante 3 dias se entregaram plenamente ao estudo dos actuais problemas que a Pastoral Litúrgica vai levantando. Graças ao «Centre de Pastorale Liturgique» houve oportunidade de estudar, à luz da Sagrada Teologia e sob a orientação de figuras prestigiosas no Movimento litúrgico mundial, o tema central de toda a Liturgia: o Santo-Sacrifício, nos seus efeitos, nas suas exigências àquele que dele participa.

Foi um leigo quem inaugurou a série de conferências dedicadas à «Missa compromisso de caridade» distinguindo magistralmente o campo místico do campo social.

A unidade que o Sacramento da Eucaristia traz e exige no campo místico, permite plena liberdade em manter diversidade de posições em face de um mesmo problema. Evidentemente, diversidade quanto a técnicas e não quanto a razões últimas, mas diversidade que existe e que é preciso saber respeitar e mesmo valorisar com aquela unidade mística que de modo nenhum se lhe opõe.

Estabeleceu-se assim em que campo se deviam encarar as realidades a estudar e a doutrina começou a ser exposta com a competência que nos indicam nomes como o de D. Bernard Capelle, Abade de Mont-César, P.e Roquet, P.e Feret, P.e Vergriete, P.e Ortigue e outros.

Procurou dar-se o máximo relevo a pontos que se reputam essenciais, mas que uma excessiva preocupação apologética levou a pôr em segundo plano e a esquecer mesmo quase completamente. Assim afirmou-se que:

A preocupação que desde o Concílio de Trento dominou os teólogos, de atacarem os erros sobre a doutrina sacramental, que os protestantes

acumularam, levou a esquecer o papel que a Fé desempenha no fruto do sacramento.

Sem Fé, o sacramento seria quase um rito mágico, aliás muitas vezes sem sentido. Temos de encarar de frente que os sacramentos são «sacramenta fidei».

Deixemos pois de limitar a teologia sacramental, quando estuda os efeitos do sacramento, a apresentar as condições *negativas*, para que ele produza o seu «ex opere operato». Temos que deixar de considerar os sacramentos como aparelhos automáticos. Urge ensinar que os fiéis devem pôr algo de seu, para que o sacramento atinja o fim para que foi instituído, a «res tantum».

Quantas vezes ficamos na realidade significada, e bom já é quando lá chegamos, e não encaramos e não ensinamos a que fim quere o sacramento chegar, a união com Deus, a Caridade.

Esta união no caso específico da Eucaristia realiza-se pela união ao Cristo total, à Igreja, corpo místico de Jesus Cristo.

Mas até para que o próprio sinal seja rico de sentido e não um mero formalismo vazio, é evidente que não se pode permitir com toda a facilidade, uma Comunhão eucarística *individualista*. A Comunhão eucarística é essencialmente *comunitária:* por que não sermos exigentes na sua administração, para que ela seja realmente um acto de comunidade?

Quão longe do espírito daquelas comunidades cristãs que estendiam a toda a Acção eucarística o nome de «fractio panis», um pão que se parte entre muitos, está aqueloutro espírito que nos leva hoje a uma manducação particularista, e quem sabe se até às vezes egoista, do Corpo do Senhor. Não é este o *Pão Único* de que nos fala S. Paulo, de que todos participamos?

Era uma autêntica espiritualidade comunitária que levava os primeiros cristãos a porem ao dispor da comunidade os bens materiais com que se haviam de socorrer os irmãos mais necessitados. Como eles sentiam esta palavra tão simples e hoje tão gasta: irmão.

A celebração do Ágape tornou de certo modo em sacramental esta dádiva à comunidade, para ela atribuir aos menos favorecidos. Este gesto tão delicado na sua forma e no seu conteúdo não desapareceu com o desaparecimento do Ágape, com o ofertório da S. Missa continua-se o mútuo auxílio por meio da comunidade.

Ao ofertório não se limitavam os cristãos a apresentar a matéria suficiente para o Sacrifício, traziam mesmo muitas coisas diferentes da

matéria do sacrifício ([1]), que se destinavam à sustentação do culto e dos mais necessitados.

Pouco a pouco esta forma de *significar*, o que se realiza no campo místico, reduziu-se à oferta da matéria do sacrifício e de dinheiro para os fins comunitários. Com o dinheiro ficavam ilesos os interesses materiais da comunidade. Não assim os espirituais pois os efeitos são aqueles que vemos hoje: o peditório, às vezes peditórios, e o estipêndio da Missa.

É da máxima importância restituir ao actual vestígio do ofertório cristão todo o significado que ele em si concentra; vestígio aliás bem pobre, pois já nem a matéria do Sacrifício é oferecida pela assembleia.

Alcancemos que a vida dos cristãos seja o reflexo do Mistério que celebram todos os Domingos e até às vezes diàriamente. É preciso que dos cristãos do século XX se possa dizer como dos do século I, «vede como eles se amam».

Isto e muito mais coisas se apresentaram em Versailles ao espírito dos participantes.

Conclusões?!

A Caridade não tem conclusões!

Foi esta a grande conclusão.

JOÃO PERESTRELLO

([1]) Até para todas estas coisas havia uma benção especial de que se guarda vestígio no Canon do Missal Romano imediatamente antes do «Per ipsum».

Ecos da Vida Litúrgica

ORIENTAR, SIM; DESVIAR, NÃO!

Tivemos estas férias oportunidade de passar por uma Paróquia dirigida pelo Padre X, sacerdote zeloso não só em procurar o esplendor do culto divino como em fazer penetrar nas almas a sua luz benfazeja. Meio simples, mesmo um tanto rude.

Feitas algumas homilias sobre a Santa Missa, começou o Pároco a interessar o povo pela sua compreensão. Preparou um locutor; colocou-o à frente da assembleia; meteu-lhe na mão um missal e uma explicação que ele próprio fizera das cerimónias do Santo Sacrifício. Deve dizer-se que o locutor estava bem preparado, e que reunia aquele conjunto de qualidades que faz um bom locutor; pena foi que o Rev.^{do} Pároco ao escrever o comentário, esquecendo-se de que ele iria ser lido durante o acto litúrgico, se tivesse espraiado por tão lindas como compridas considerações. Querendo levar os fiéis a tomar parte na acção sagrada levou-os a ouvir uma lição de teologia, desviando-lhes a atenção do principal. A Missa é uma acção e como tal deve ser considerada; acção que se vive por atitude de espírito conforme ao momento próprio e ao tempo litúrgico, e por atitudes externas que manifestem a participação na acção sagrada. A função do locutor é criar nas almas essa atitude de espírito. O comentário, portanto, deve tender para aqui.

Deve ser *breve*. Como diz o P.^{e} Roguet ([1]), o comentário «não deve transformar o tempo da oração numa conferência catequística, por mais interessante que seja, ou a celebração da Missa numa explicação da sua teologia ou da sua liturgia.» De contrário afastará os fiéis da oração e do silêncio tão necessário à adoração do Mistério.

([1]) Principes et pratique de la messe dialoguée, pag. 36.

Deve ser além disso *dinâmico* — isto é, indicar a breves traços os principais movimentos e gestos da acção litúrgica.

Finalmente deve o comentário ser feito de forma a convidar à *oração* e à *participação* e nunca de forma descritiva. Deve preferir-se: «vamos oferecer com o sacerdote...» a «o sacerdote vai oferecer...»

Antes de principiar a Missa pode falar-se mais desenvolvidamente em forma catequística, não esquecendo, porém, que se faz uma preparação para uma acção em que temos de tomar parte.

M. L.

UMA INICIATIVA

Vamos começar este mês a publicação de alguns trechos que poderão servir para as missas rezadas ou cantadas só com um sacerdote — sem ministros. É com grande entusiasmo que o fazemos. O canto é uma das formas mais belas de participação. Ainda recentemente o Santo Padre recomendava: «Para que os fiéis compreendam que o canto da igreja lhes diz respeito, é necessário promover a música popular religiosa, que a Igreja sempre tem protegido como meio de aumentar a piedade cristã.»

Começamos agora a publicação de algumas letras, como vulgarmente se chamam as poesias deste género, esperando ainda publicar quando os recursos o permitirem as respectivas músicas.

A necessidade de cânticos apropriados faz-se sentir sobretudo para o princípio da Missa, para o Ofertório e para o fim. «Novellae Olivarum» dirige-se a todos aqueles a quem o Senhor deu capacidade de O louvarem por meio da poesia, convidando-os a alistarem-se no movimento de restauração litúrgica compondo poesia ou prosa rítmica que possa servir na Liturgia. Espera ansiosamente a notícia de qualquer iniciativa já existente, uma poesia, um hino litúrgico ou qualquer outra composição, para a tornar conhecida.

Que ninguém se exima a este trabalho tão interessante como apostólico.

Acerca da educação da criança

A criança, a mestra da simplicidade, do caminho do Omnipotente, dos anseios de altura — sem os quais não lograremos subir do baixio em que somos naturais — a obreira do homem, a vítima do adulto — que julga saber e não sabe, que supõe poder e não pode, que se atribui um querer e só tem quereres — a incompreendida, a sobre-compreendida, a violentada — é principalmente ela, o objecto da nossa atenção, nestes minutos.

Ela e a sua educação.

Educação é construção num sujeito para o alcance de um estado mais perfeito. Mas construção em cada um, por si próprio!

Conjuga-se o verbo educar directa e reflexamente. A mim parece essencial a significação reflexa, mesmo na forma directa.

Educar uma pessoa é realizar nessa pessoa uma transformação, que realmente é obra mais dela própria, que de outrem. Por isso, educar é sempre edificar-se cada um. E se dizemos «educar-se alguém» distinto de «educar alguém», é que pensamos nos diferentes graus da intervenção estranha, quase ausente no primeiro caso, mais determinante no segundo.

Mas não se infira do que digo a inexistência de educador e de educando. Recurso a auxílio estranho há-o sempre, mesmo na auto-educação.

A compreensão desta característica reflexa do acto-educação, importa muito ao educador. Vendo assim, ele não mais se verá o autor e modelador da personalidade da criança, o quase-omnisciente da vida e dos problemas dela, o, de direito todo-poderoso sobre ela.

E a educação — acto de educar — será uma operação de amor, de humildade e de respeito pela liberdade original.

O educador autêntico não será o artífice, mas o servente, o que chega os materiais e facilita a sua plasmação, o que abre o caminho, o que arruma o ambiente onde a transformação se passará. Ele será indispensável, precioso fornecedor de meios, preparador de condições favoráveis, disciplinador das acções desordenadas, instrutor de regras-base; mas apa-

gará voluntàriamente o seu esforço, para dar à criança a impressão feliz de se ter feito.

Este regosijo pela dificuldade ultrapassada por si própria é um dos grandes estímulos da actividade com que a criança se faz. Ela é laboriosa, tem as suas faculdades abertas ao que acontece em redor. Quando se encontra firme e vitoriosa sobre um degrau do conhecimento, lança-se com energia à subida do degrau seguinte. E a sabedoria assim adquirida não é passiva, antes constantemente se desenvolve e desenvolve a criança, física e psicològicamente, dum modo são, como em um processo de cristalização, lento, contínuo e, por isso mesmo, seguro.

Porque o seu obrar-se e a alegria dele, são elementos tão importantes na construção do homem pela criança, ela tem direito a eles e o adulto deve respeitar esse direito, até pelo bem que tal atitude lhe trará.

A criança assim formada não será um ser frágil, sem iniciativa, medroso, desconfiado, um tanto hipócrita, com sentimentos de inferioridade, que tantas vezes perturbará a sua vida toda, infeliz duma infelicidade inútil no plano natural; mas ao contrário, será um indivíduo aberto, audacioso, activo, fértil, confiante nos mais e em si próprio, capaz de ser «candeia que se consome alumiando», no dizer de S. João.

Aliás, este contentamento não é exclusivo da criança. Todo o homem sente a volúpia de conquistar por si o objecto que apetece. E até o verdadeiro prazer está na luta por consegui-lo! Efectuada a posse, é apenas o brinquedo novo que cedo perde o interesse e ainda assim tanto menos cedo, quanto mais custoso foi o alcançá-lo. Conta-se dos grandes milionários, que pelo contínuo satisfazer dos seus caprichos, acabam por não ter que desejar. Então tornam-se presas sem ventura dessa doença a que chamam «spleen», quase sempre rematada pelo suicídio.

Pobre de quem não pode sonhar!

Reconhecer esta realidade deve ser entoar um cântico à pobreza em espírito, pela qual se é bem-aventurado; deve ser confessar que o homem não é feliz sem dor e sem renúncia; deve ser um descobrir radiante de traços dEle em nós, do Escandaloso da Cruz, do Redentor, do Irmão.

Que ninguem queira educar, sem lembrar primeiro o preceito evangélico sobre a infância espiritual. Para ganhar o reino dos céus, teremos de nos tornar como os pequeninos, sim... E também para os compreender. Por isso, antes de dar, recebamos deles a sua lição. Recebamo-la com humildade, com interesse, despidos de preconceitos e não será em vão este primeiro passo. Depois, conte-se com a perspicácia da criança, com a sua

observação viva, mesmo quando parece desatenta, com a sua inteligência e a sua astúcia, com a sua intuição da justiça e a sua grande tendência imitativa.

Já agora se vê, que nem pelo facto da operação de educar ser essencialmente uma auto-operação, o papel do educador é falho de importância e de dificuldade.

Se o adulto fornece o ambiente onde a criança faz a sua experiência e donde tira de que se formar, ele tem de se equilibrar cautelosamente: impecável no exmplo que o garoto imitará; sem atitudes menos firmes que o pequenino notará e julgará; tão decidido em dizer que sim, por sistema, como em manter o não, quando é essa a resposta que convém.

Faça-se desde sempre, apelo à inteligência da criança. Não se guarde a correcção para mais tarde, a pretexto de que ela não entende.

Logo nos primeiros meses de vida a criança dá sinais de observação e compreensão do meio e das pessoas que habitualmente a cercam.

E depois do ano, com os primeiros passos, com as primeiras palavras o progresso é acelerado.

Não será inteligente a inventiva do garoto de quinze meses, que fazendo fora do lugar próprio as suas necessidades e sendo habitualmente repreendido, vem um dia, depois de feito o mal, com esgares e piruetas, na intenção de distrair e desarmar quem havia de puni-lo?

Não será já um bocadinho de malícia, mas consciente e inteligente, o desrespeito dum pequenito de ano e meio pelos objectos expostos, quando há presença de pessoas estranhas, ele, que em companhia apenas do educador habitual, não toca em nada? E quantos juizos não fazem pequenos desta idade e pouco mais, reveladores de complicado trabalho mental?!

Há desde o princípio que conduzir a criança pela razão; nunca pelo medo. Habituá-la à verdade àcerca de tudo. E de tudo se pode dizer a verdade, embora, às vezes, convenha compô-la um pouco à maneira de conto. Se assim se procedesse, não se produziria aquela mentalidade que leva a julgar vergonhoso o que em si não o é e mais tarde, vai separar irreparàvelmente educandos dos educadores, em campos onde seria bom afastá-los de quase todos, menos destes.

Não dizer à criança que tal coisa ainda não é para ela. Se ela pergunta, é que lhe interessa ter resposta e alguém lha dará, se o educador responsável a não der.

Nunca é cedo para começar a educação duma criança! Não recordo de quem, ouvi há tempo, que a mãe pode educar seu filho enquanto o gera.

Se ela viver esse tempo em que as duas vidas são uma só, num desejo ardente de perfeição conhecida, o seu pequenino nasce permeável a essa perfeição. Ignoro o que haverá de certo neste dito. Porém, não repugna aceitá-lo, porquanto em verdade, de todo o estado afectivo intenso há uma ressonância física. E esta perturbação bem pode fechar o ciclo, gravando na alma do feto, anseio igual ao que está na mãe. Se assim é, que operação de beleza do amor maternal sublimado!

Outro ponto: a sanção. Diz Maria Montessori que a criança educada nas suas escolas a torna dispensável. Eu não vejo como pode ser!

Parece-me demasiado unida à idea de justiça, a idea de recompensa e de castigo e não entendo como a criança lhe possa ser insensível.

Há que infundir-lhe, é claro, a noção de dever e habituá-la a considerar coisa banal o cumprimento dele. Mas é necessário que ela se sinta apoiada no nosso apreço, sobretudo quando se esforça pelo seu progresso.

O castigo julgo-o útil e também ele deve ser dirigido à compreensão e ao espírito de justiça do pequeno. Óptimo será o nível em que ele próprio escolher a punição. Como regra, este castigo serve melhor a formação da criança do que todos os açoites. É hábito muito comum e muito negativo, me parece, dispensar a pena quando a falta é confessada. Acho coerente e justo que se aplauda a lealdade do revelar o mal feito e se puna esse mal como é merecido. A confissão sacramental perdoa os pecados e não deixa de exigir a penitência!...

Porém, de muito mais valor do que o castigo e mesmo do que o prémio, eu considero o estímulo. É tão fácil ajudar um pequenito a corrigir-se, não lhe dizendo bruscamente: «Está mal», mas antes, com doçura: «Sim senhor!, isso vai bem! Mas repara!: Se fizeres assim, não era ainda melhor?!»

E o garoto, que tinha feito menos bem o quer que era, calmo e contente, aperfeiçoa o acto.

Outra preocupação importante do educador é ocupar o tempo da criança. Rica solução é o trabalho! A criança gosta de ser útil...

Que partido se não pode tirar deste gosto!

O adulto requere do petiz o seu auxílio; escolhe para ela tarefa proporcionada à sua pequenina capacidade; encarrega-o mesmo, de vez em quando, de uma acção um pouco acima da que lhe é própria; e a criança, lisongeada pela confiança, interessada pela actividade, incitada pela finalidade útil, corresponde quase sempre duma maneira inesperadamente feliz.

E o tempo passa sem ociosidade funesta e o pequenito exercita-se e descobre-se radiante, não um ser a mais, mas justamente o ser para a missão que lhe compete.

Além de hábitos salutares, ele irá tomando consciência dos seus direitos e também dos seus deveres.

Falámos já muitas vezes em educador. É tempo de saber: — Quem é capaz deste ministério? — Quem quer que seja apaixonado. Sem dúvida, que também seja educado! Porém, principalmente, que seja apaixonado.

Por isso são os Pais e sobretudo a Mãe, os naturais educadores. Por isso são insucesso quase total as tentativas dos colégios e institutos de formação. É inegável neles a presença de um ideal de perfeição a transmitir, mas perfeição rígida, padronizada, de medida única, perfeição sem alma que forçosamente não pode vestir bem em todos. É o lar e a estufa adequada à fragilidade da alma em formação da criança.

Confrange ver a separação dos filhos e dos pais, tão vulgarizada no nosso tempo. Os pobres, impelidos pelas necessidades, entregam o filho à rua. Os abastados entregam-nos a estranhos, a quem pagam, para que os livrem da prisão dos filhos. Expulsa-se a criança, como a um móvel incómodo que estorva o movimento.

Os actos de amor competem a quem se dá a eles. Nunca a mercenários.

E quando é forçoso assistir aos pequeninos sem família, ou desamparados por ela, o melhor estatuto da Obra que os abrigar é ainda: que o clima da casa seja lar; o melhor sistema: que no lar se respire amor.

Dizia não sei quem, que a educação da criança começa vinte anos antes do seu nascimento, com a educação da Mãe. Na verdade, se os jovens aspirantes ao casamento, vissem nele o sacramento belíssimo pelo qual se associam ao Senhor na constituição de seres que são dEle e para Ele e pusessem no cimo dos seus anelos a edificação dos seus filhos, como ela depois lhes seria fácil e rendosa!

E no entanto é essa aspiração que distingue os cristãos dos que o não são. Para aqueles, o matrimónio é a renúncia de muitas liberdades e comodidades, feita alegremente, na plena consciência das agruras que surgirão. A Juventude tem o gosto das dificuldades; é, por natureza, audaciosa. Ensinada a descobrir os encantos da generosidade, dá-se inteiramente, com satisfação perene e frutífera.

Pais-sacerdotes são aqueles que de tal modo se realizam na realização dos seus filhos, que a bem dizer estes também são seus pais, pois lhes geraram o estado sagrado da paternidade. E assim, ao longo da idade, pais

e filhos irão sendo irmãos, camaradas, formadores e formandos, conselheiros e buscadores de conselho, nos dois sentidos, numa intimidade exuberante, numa coesão que as forças exteriores não lograrão vencer.

Eu conheço uma mulher que andou na escola, cresceu, casou e foi Mãe.

Foi ela a mestra dos filhos na Instrução Primária. Foi a sua grande companheira de estudo, durante o liceu. Mais tarde, na Universidade, foi-lhes ainda muitas vezes auxiliar preciosa. Essa mulher estudara pouco e esqueceu quanto soubera no dia em que os filhos não precisaram mais do seu saber.

Quem conservou a memória a esta mulher, senão a maternidade pujante que a possuia, na religião da qual fora criada já por sua Mãe?!

Conheço outra mulher: Andou na escola, cresceu, não casou, nem teve filhos. Trabalha para viver. Tem uma pensão onde prefere rapazes. A vida dela é velar por eles e sofrer por eles. Rapazes que um dia a procuraram para hospedeira e muitos dias a procuram para lhes servir de Mãe. Senhora de uma intuição magnífica que lhe permite adivinhar os problemas dos rapazes; senhora de uma ternura e energia admiráveis que a fazem valer-lhes e evitar-lhes males; amiga que padece com eles as suas amarguras; que celebra cheia de alegria e de saudade a formatura deles; que festeja Carnavais em sua casa, para que os rapazes se divirtam sòmente à sua vista; que os ajuda a defenderem-se das tentações; que os anima e os admoesta...

De que nasceu nela este zelo, esta actividade interessada só de amor, senão de uma maternidade rigorosa, que nem por não gerar, deixou de se exercer?!

A quem pertence educar a criança, o adolescente, o jóvem, rapaz ou rapariga, mais do que à Mãe?! Ninguém a igualará, se ela for deveras Mãe, consciente e conscienciosa, não apenas fêmea que deu à luz!

Também do Padre é atributo próprio, trabalho educativo. Às vezes, ele terá de substituir a família e será o primeiro ou o único educador... Porém, agora não pensamos neste, mas em todo o sacerdote.

Na Catequese, na Cruzada, na Acção Católica, na aula de moral, nos jogos, no convívio de qualquer momento e, sobretudo, na pregação adequada e na direcção espiritual, que influência profunda e construtiva não pode ele exercer na criança, desde a idade escolar ou mesmo antes? E que papel não é o seu na educação pre-matrimonial, tão afim da infantil! Eu não sei o que ele deverá fazer. Mas creio saber de onde deverá partir. Olhar para si assim: «Sou Padre, quer dizer sou Pai. (Tão raro a letra

dum nome serve assim fielmente o seu conteúdo!) Não vim à Vinha do Senhor por repulsa a uma família própria. Bem ao invés, senti tão exigente o apelo dela, que uma família minha não bastaria a satisfazer-me. Não sou solteiro, nem me é lícito viver como se o fosse. Esposo da Igreja, herdeiro de S. José, eu sou Pai dos filhos de Deus. Meus, são os irmãos que sofrem fome de pão e de justiça, os angustiados, os que estão em paz, os companheiros de jornada na via do Céu e os desviados dela, os que combatem comigo e os que lutam contra mim, todos são meus irmãos e meus filhos. Eeis a grande família. Eis em que gastarei os ímpetos do meu coração.

Mentiu quem nos chamou *castrados* de alma! Eu sou um homem perdido de amor.»

É deste estado que ele deverá partir.

Depois. . ., o amor é industrioso; Deus é presente aos de boa vontade. . . Em cada lugar, em cada momento, Ele inspirará o que há-de ser feito.

Que pode o Padre fazer — que deve o Padre fazer! — senão aquecer na chama do seu coração ardente, a paixão mais resfriável a que o obriga a sua vocação?! A carne é fraca e todo o homem reclama felicidade. Nem a todos é dada a enlevação contemplativa. Se ele não aprende a gostar com todo o seu coração humano, das criaturas e das cruzes que o amor delas lhe trará, com razão pode temer a efemeridade dos seus sentimentos e a importância das suas conclusões inteligentes.

«Não há amor sem dor
. . .E há dor sem amor!
Por isso,
Se a dor tem de existir,
Que seja ao menos por amor».

O Padre, todo o cristão que possuir a santa gula de sofrer, saberá encontrar nela doçuras inimagináveis e achará nela o adubo vivificador dos afectos próprios de um filho de Deus. Para o Padre, sobretudo, amor e dor serão os polos com tensão onde ele tomará a corrente da sua vida espiritual. Dor e amor serão a fonte de energia, nunca demais potente para a grande escalada, para a escalada agreste que será paga a cem por um e termina no reino dos Céus.

CARLOS GALAMBA

Cânticos da Vida Cristã

1

OFERTÓRIO

Pelo P.e José Mendes Serrazina

CORO

Recebei, ó Pai do Céu,
Por Jesus, nosso Senhor
As ofertas que no Altar
Vossos filhos vão depor.

I

Tudo o que somos e temos
Sem nada p'ra nós guardar
Com a hóstia desta Missa
A Deus vimos ofertar.

II

Na patena a hóstia santa
Simboliza a nossa vida:
Ao Senhor a vimos dar
De alma alegre ao Céu erguida.

III

Nossas penas, nossas dores,
Todo o nosso labutar
Com ardor vamos no cálix
Desta Missa mergulhar.

IV

É por Cristo, Sacerdote,
Em Cristo Hóstia Imolada;
É com Cristo, nosso Irmão
Que a nossa alma a Deus é dada.

Crónica de hoje

EXAMES; ORDENAÇÕES

Estava prestes a terminar o ano lectivo 1949-50. Mês de Junho, o sol entra de aquecer e o coração aperta-se na perspectiva de algo de solene. São horas de prestar provas, e eis-nos a braços com o inimigo número um dos estudantes—os exames. Ao fim de poucos dias estava avaliado o aproveitamento dos Seminaristas, nos trabalhos escolares. Restava para encerrar o ano, cada qual a sós com Deus, fazer o balanço do rendimento espiritual e foi assim que o Seminário mergulhou pelo espaço de alguns dias, no silêncio e recolhimento, tão propícios para a alma servir mais de perto a voz de Deus que ìntimamente segreda: «A Messe é grande», «vem e segue-Me».

A corresponder ao apelo do Mestre, apresentam-se em 29 de Junho, dia de S. Pedro e S. Paulo, na Sé de Lisboa, os Seminaristas Ordinandos, perante a assembleia cristã, ao Nosso Eminentíssimo Prelado, para, pelas mãos de S. Eminência, oferecerem a Deus toda a sua vida e todo o seu labor. A assembleia, dos fiéis em comunhão com o Clero e com o seu Bispo, invoca sobre os clérigos prostrados nas lages da Sé Patriarcal, as bênçãos de Deus e a intercessão dos Santos, e o Bispo conclui a ladaínha, chamando-os «eleitos». «Ssis illos dignos esse?» «Ó Senhor eu não sou digno... Mas dizei uma só palavra... e eu serei outro Jesus».

Terminada a Ordenação os Neo-Presbísteros movidos pelo mesmo Espírito traçam sobre aquele que há pouco os consagrou, a primeira benção sacerdotal, primícia duma vida toda dedicada a «bene facere» e «benedicere».

Também nós os irmãos mais novos pedimos ao Senhor que os abençoe!

FÉRIAS

1 Julho — 27 Setembro

Era a sequência lógica dum ano de verdadeiro trabalho. Três meses quase completos seriam o prémio bem merecido de nove outros de porfiados esforços por alcançar mais uma «etapa» da nossa formação sacerdotal. Fazia-se já sentir a necessidade de tréguas ao estudo e algum descanso para o corpo. Enfim as férias vieram precisamente no momento oportuno. A 1 de Julho, cada qual para as suas terras, lá partimos todos com um sorriso nos lábios e uma esperança no coração... e Deus partiu connosco, com Maria Sua Mãe.

RÁDIO-MAFRA

1, 2, 3; 123, está, está...

A sufragar a memória do nosso Rei D. João V, celebraram-se na Basílica de Mafra solenes Exéquias. Presidiu às cerimónias S. Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Manuel Trindade Salgueiro, com a presença de entidades oficiais. Constaram de ofícios fúnebres e Missa de «requiem» estando a parte coral a cargo dos Seminaristas dos Olivais que acompanhados pela Orquestra da E. Nacional, sob a regência do Maestro Sr. Venveslau Pinto, deram invulgar brilho à solenidade.

REUNIÕES

Em conformidade com o Regulamento do Seminário, realizaram-se as costumadas reuniões de férias em locais prèviamente determinados. Estes encontros de caras desconhecidas, dão lugar a manifestações de amizade alegre e a troca de impressões, num ambiente de franca camaradagem. São um estímulo a estreitar mais a união de coração e de ideal. É lá que pomos as agendas em dia e tomamos conhecimento das novidades e factos ocorridos na nossa ausência do Seminário.

São momentos preciosos, que aproveitamos para carregarmos as baterias da alma e lá partimos alegres e saudosos a recomeçar o nosso trabalho de descanso.

ACAMPAMENTOS

Atenção! Aqui Serra da Estrela

A continuar uma tradição ainda recente, mais uma vez os nossos Seminaristas se dirigiram à altaneira Serra da Estrela. Um grupo de rapazes unidos, escolhido de entre eles o chefe, chegaram no dia 1 de Agosto a Man-

teigas dirigindo-se imediatamente a S. Romão. Como as povoações que os esperavam eram algumas, foi assente que se acampasse por oito dias perto da ermida da Sr.ª do Desterro, à beira do rio Alva, a 700 metros de altitude. Depois destes dias de descanso, metem os pés ao caminho e as mãos aos rochedos para se guindarem à linda altitude de 1.840 m. donde a vista olha mais mas menos vê e assentam arraiais no Covão do Boi perto da imagem da Senhora da Boa Estrela, esculpida na própria rocha. Por depósito de abastecimento de água serviam-se da fonte do Pires e algumas vezes tomaram banho na «praia» da lagoa Escura.

Certo dia sairam de visita à nova barragem dos Covões da Loriga onde apreciaram a maravilha do engenho humano a servir-se das forças postas por Deus ao seu serviço. De volta ao local do acampamento, qual não é a sua surpresa ao depararem com S. Ex.ª Rev.ma o Sr. D. Domingos, Bispo Coadjutor da Guarda, que vinha ali passar dois dias com os escutas da Covilhã e presidir às festas de Nossa Senhora dos Pastores.

Foi um transbordar de alegria. Com a presença de S. Ex.ª Rev.ma tiveram mais brilho as festas da Senhora, onde não faltou o estralejar de foguetes e morteiros a riscarem o azul puro do firmamento.

Como tudo neste mundo porém tem um começo e fim, por outro lado como os ares de 1.900 metros não são para todos os pulmões, não tiveram outro remédio os nossos colegas campistas senão buscar paragens mais amenas mas não tão sàdias da Cova da Beira. Passados que foram poucos dias, dirigem-se à Covilhã e lá resolvem terminar o acampamento entre afectuosas despedidas de «ad multos años» ou seja caro leitor, por muitos anos e bons.

STA. RITA DE CÓS

Alerta! Por Cristo-Rei

O Clan 10 do Seminário de Cristo-Rei, realizou mais um acampamento de férias. Reuniram-se ao todo vinte e nove rapazes, escutas e não escutas sob a orientação do Chefe e Rev. Assistente do Grupo.

No aprazado dia 31 de Julho começam logo de manhã a chegar os campistas que em breve se dirigem ao local do acampamento, St.ª Rita de Cós.

Divididos por patrulhas, sob a orientação do respectivo guia, procedeu-se em seguida à escolha de campos e armação de barracas. No resto do dia não se notou nada digno de menção, apenas foco o ambiente de ordem e disciplina que reinava ao lado de franca e alegre camaradagem. Não faltou ao dito acampamento a nota tão simpática do toque de clarim que pela manhã e ao longo do dia atroava os ares, chamando à realidade de momento os nossos colegas acampados. O dia era minuciosamente dividido por variadíssimas ocupações, reguladas por um rigoroso horário a que se obedecia sem se dar por isso. Era a Santa Missa, era a Meditação, era o Santo Terço, não faltavam os passeios, não se esqueciam as partidas e até havia tempo para comer e dormir!

Como era belo, depois do pôr do sol rezarmos o terço e as Avé-Marias envolvidos pela sombra misteriosa da noite! E o fogo do conselho, como calavam fundo na nossa alma e se perdiam pelo vale sem fundo as palavras oportunas e quentes do Rev. Assistente!

À parte da vida regulada do acampamento houve vários factos que aqui saliento, a récita do Valado, a ida à Nazaré e o dia da partida.

Os nossos rapazes procuraram decorar o melhor possível os papéis que lhes competia desempenhar na peça. Ora deu-se o caso de no momento preciso de abrir o pano, passar uma epidemia geral entre os actores que era nada mais que uma amnésia parcial e um grande poder de invenção. O facto é que os homens da peça decoraram uma e representaram outra que devido ao raro talento e habilidade dos componentes da peça, saíu melhor do que se previa nos ensaios. Foi um sucesso.

Outro acontecimento foi a ida à Nazaré em bicicleta. Os corredores ou velocípedes às duas por três acham por bem que as bicicletas são de plástico ou qualquer substância inquebrável e o facto é que a experiência o não demonstrou.

Comentário — isto hoje anda tudo falsificado.

Ei-los chegados ao termo do acampamento com as mochilas mais carregadas que à chegada devido à generosidade do bom povo da terra, mas com as carteiras mais vazias que quando foram compradas. Foi o caso que não se sabe bem por quê nem por que não, desapareceram algumas centenas de escudos de debaixo do travesseiro do caixa; é o resultado de se não acreditar que há bruxas... Confiaram demais na honradez das formigas e elas deram-lhes a paga.

Tudo enfim passou e esses dias de acampamento acabaram sob os olhares protectores

de Nossa Senhora Mãe dos Escutas que a todos ficou a abençoar, mitigando com a sua solicitude materna as saudades do tempo passado no alegre e prazenteiro convívio do acampamento.

Ao voltardes ao Seminário, irmãos escutas, deseja-vos boa caça, o cronista escuta da patrulha...

ROMA, VATICANO

Junho de S. Pedro, Pio XII Papa

Também nós marcámos presença em Roma. *Todos* os cursos tiveram a sua representação na Cidade Eterna. Na impossibilidade de irmos *todos* fisicamente, estivemos bem presentes em espírito dentro dos corações de nossos superiores e colegas que lá foram, e *todos* vimos o Papa e sentimos bem de perto a Caridade Católica e a catolicidade da Igreja.

Se só alguns foram a Roma, *todos* nós somos peregrinos do Ano Santo; recordações só alguns as trazem, saudades *todos* nós as sentimos; uns viram, *todos* acreditaram, «Beati qui non videnrut et creditenrut».

NOVO ANO

Mas... as férias já acabaram?

Não meu amigo, é um novo ano que começa...

Abre o estatuto do Seminário a páginas 17 e lé na alínea C artigo 17.º: «...» Como vés, diz que o ano lectivo começára a 28 de Setembro sempre que não comece a 27. Aí tens a razão porque já te encontras no Seminário.

De facto, a 27 do passado mês todos nós demos entrada no nosso Seminário, uns pela última vez, outros pela primeira e a maioria, mais uma vez. Graças a Deus este ano veio um bom número de Seminaristas novos do Seminário de Almada. Que Deus os conserve e se Digne, para Sua honra e salvação do Patriarcado, não só chamá-los mas fazer deles seus eleitos porque «messis quidem multa, operarii autem pauci».

Peçamos todos ao Senhor da Messe que nos mande muitos e santos Sacerdotes.

Outra não foi a prece a subir das nossas almas durante os dias de retiro que fizemos, em preparação do novo ano. Que o Espírito Santo se digne abençoar o nosso trabalho ao longo dele é a graça que por Jesus-Hóstia, pedimos na Missa do dia da Inauguração dos trabalhos escolares, na Missa do Espírito Santo. Que o orvalho fecundante do Divino Artista da nossa santificação fecunde as nossas almas para podermos tirar todo o proveito das graças e inspirações que ao longo deste ano, na sua misericórdia infinita haja por bem conceder-nos.

O CRONISTA

BIBLIOGRAFIA

P. Coulet — **Le Problème de l'Avenir** — 208 pgs. — Ed. Spes, Paris, 1950.

Tema actualíssimo o que aborda o P.e Coulet nesta nova série de conferências.

Na verdade, se no velho mundo que nossos pais nos legaram muito há a renovar para assegurar o futuro, o êxito de tais modificações dependerá exclusivamente do modo como os homens se comportarem. É por isso que o problema do futuro, quando considerado sob o ponto de vista moral, se vai reduzir a um problema de educação ou de formação de consciências. Tal é o aspecto sob o qual o P.e Coulet o analisa. Ele estava naturalmente indicado para precisar concretamente a importância do papel a desempenhar, nesta educação de consciências, primeiro, pelo ambiente de família tal como o realizaram os próprios pais, depois, pelo meio social, tal como o modificaram os poderes públicos, e finalmente, pelo meio religioso.

Não será difícil avaliar o interesse prático de semelhante obra numa crise horrível de moralidade, cuja gravidade não sofre contestação.

O P.e Coulet teve a preocupação de tratar o tema em função dos acontecimentos actuais; fê-lo com a simplicidade, a franqueza, o sentido social advertido, e o superior bom senso que todos lhe reconhecem. A todos os que se preocupam com o futuro e exercem alguma influência no mundo de hoje, se destinam estas palavras, alheias, é certo, a todo o artifício, mas ricas em apreciáveis sugestões.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

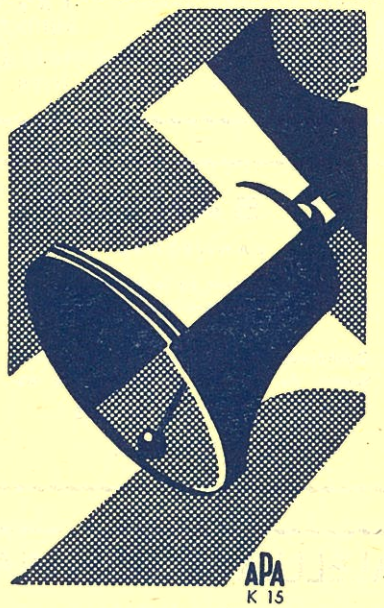
realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos

OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA



NÃO SE ALARME

COM O INSUCESSO, NEM COM A COMPLICAÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO EM TODO O MUNDO TEM ESTUDADO E RESOLVIDO OS MAIS COMPLEXOS PROBLEMAS PARA OS PÔR FÁCILMENTE AO SEU ALCANCE CONSULTE

Kodak
KODAK LTD - RUA GARRETT

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — **Rua do Ouro, 166 a 170**

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS A PRAZOS

COVILHÃ

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

ALELUIA & ALELUIA

FÁBRICAS ALELUIA

Azulejos brancos e pintados.
Louças sanitárias,
artísticas e domésticas.
Painéis com imagens

Telef. P.B.X.-22 — *AVEIRO*

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

Assinaturas pagas directamente

D. Maria do Carmo P. Palha Van-Zeller

P.e Abílio da Silva Mendes

Ernesto Alves Moreira

P.e Manuel Narciso Alves

Prior dos Olivais

Dr. Tomás de Aquino

TOSSE?

